

MODERNISMO EM GRUPO

Luiz Carlos Jackson¹

Resenha do livro: SILVA, Maurício Trindade da. *Mário de Andrade, epicentro: sociabilidade e correspondência no Grupo dos Cinco*. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

O livro de Mauricio Trindade, *Mário de Andrade, epicentro: sociabilidade e correspondência no Grupo dos Cinco*, toma como objeto os agentes centrais do modernismo paulista. Focalizando sua análise no chamado Grupo dos Cinco e, em especial, na figura de Mário de Andrade, o olhar do autor reconstitui as disposições sociais desses agentes que, com protagonismos distintos, qualificaram o movimento cultural proeminente de São Paulo no início do século XX. O Grupo dos Cinco, formado por Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, inclui as personagens centrais do modernismo no passo da indeterminação típica à juventude, prenhes de veleidades de largo horizonte — literárias e artísticas, sobretudo — em início de carreira na vida cultural e pública. Fincando o prisma da análise em Mário de Andrade e partindo de uma pesquisa robusta sobre a sua gigantesca correspondência, o pesquisador percorre as trocas missivistas entre o escritor de *Pauliceia Desvairada* e os demais integrantes do grupo. Ancorado na centralidade de Mário de Andrade, o enfoque escolhido revela as feições que caracterizaram as relações de interdependência entre as lideranças intelectuais do modernismo paulista, o que permite divisar as constrições e as disputas em que esses jovens estavam imersos.

Ao escorar suas análises nas trocas epistolares, isto é, ao fazer da correspondência de Mário de Andrade com os demais integrantes do grupo fundamento empírico para a investigação, Maurício nos permite, como Miceli diz na apresentação ao livro, entrever “a concorrência, os laços de amizade, os enlevos amorosos, os entreveros intelectuais, as pretensões de supremacia e de legitimidade, os tópicos cadentes do momento” (p. 10) a partir das posições sociais e das trajetórias intelectuais de cada agente, revelando os bastidores da sociabilidade do grupo, cravejada de distâncias, rupturas, concorrências e assimetrias. Tal enfoque possibilita compreender o que está em jogo nas estratégias lançadas por cada um, e cada uma, e como o jogo social definiu momentos-chave da gênese do movimento modernista.

¹ Sociólogo e professor do Departamento de Sociologia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: ljackson@usp.br.

Os dois primeiros capítulos centram-se em Mário de Andrade e na formação do Grupo do Cinco. O primeiro investiga em perspectiva relacional o protagonismo conquistado por Mário de Andrade enquanto líder incontestado, formador do cânone estético do movimento — isto em virtude da diversidade dos domínios de atividade em que se enfronhou, bem como pelas estratégias e renúncias que marcaram sua vida. Expõe os processos de subjetivação que marcam os timbres de suas cartas, recupera a posição de polígrafo derivada de sua situação familiar, passeia pela infância e a vida adulta, sublinhando os eventos relevantes para a constituição de seu *habitus*, elemento unificador de disposições sociais que orientam as estratégias dos produtores culturais (BOURDIEU, 2010). No segundo capítulo, investe na caracterização do Grupo dos Cinco por meio dos significados que seus integrantes atribuíram ao grupo. De tal modo, intenta por meio da “designação nativa” informar o *locus* ocupado pelo grupo, trazendo de cada interpretação realizada pelos integrantes o seu lugar social de elocução, revelando as restrições que revestiam o elo de seus integrantes e que davam feição à rede de interdependência que os unia.

O capítulo terceiro centra-se na correspondência entre Mário de Andrade e Anita Malfatti, parte inspirada do livro, procurando demonstrar as relações de influência e “catequese” do poeta sobre a pintora, que, isolada e insegura sobre a continuidade de sua carreira após a estreia expressionista bombástica, manifesta resistência e autoafirmação resignada diante dos planejamentos intelectuais de Mário sobre sua produção pictórica. Tal relação, impregnada de assimetrias, é reconstruída pelo sociólogo desde o apoio crítico dado pelo poeta em razão do rechaço perpetrado por Monteiro Lobato à exposição de 1917, passando pelo processo de objetivação dos enguiços possíveis das trocas entre ambos — isto é, o caso da paixão de Anita por Mário —, até as inúmeras tentativas de mentoria por parte do autor de *Losango Cáqui*. A atenção às estratégias e ao tom discursivo nas trocas epistolares entre Mário e Anita, que vão de discussões intelectuais a declarações afetivas, é notável e permite ao autor explicitar as tensões entre o poeta que alçava investimentos para afirmar sua liderança intelectual no movimento e a posição algo em falso de Anita, dadas as oscilações e hesitações de sua obra madura, da qual resultaria a reprovação de seus companheiros modernistas em função do recuo classicista no decorrer de sua trajetória.

Se no capítulo três nos deparamos já com as tensões e disputas que moldavam a sociabilidade do grupo, resumida na competição, na década de 1920, entre Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, no capítulo quatro, estas se acentuam nas interações entre Menotti Del Picchia, Oswald e Mário de Andrade, que explicitam as diferenças estruturais entre capitais — econômicos, sociais e culturais — dos contendores de peso pelo protagonismo

no modernismo paulista. A voltagem da peleja manifesta nas cartas entre Mário, Oswald e Tarsila (na época companheira do segundo) dá conta das disputas pela liderança do grupo, que tinham em Mário e Oswald seus maiores competidores, e permite ao autor demonstrar as disparidades entre o *primo pobre* e o *homem sem profissão*, entre o *autodidata* e o *cosmopolita*, entre o estudioso do português brasileiro e o estreante em língua francesa, enfim, entre dois agentes díspares ombreados no interior da fração cultivada da elite paulista, até o rompimento da amizade, em 1929. Tal conflito deixa em segundo plano o litígio entre Mário de Andrade e Menotti Del Picchia, sobretudo quando o sociólogo sugere que as relações entre os dois eram uma espécie de contraponto às relações ambivalentes entre Mário e Oswald.

Tem-se, por meio da análise empreendida no livro, acesso às tensões, aos conflitos, às lutas hierárquicas e às disputas empreendidas por esses produtores e produtoras culturais paulistas, cujas origens sociais e familiares são exploradas em água-forte. A sequência do argumento expõe, também, as tensões derivadas das disparidades de gênero. A ala masculina, envolvida na definição dos caminhos da vanguarda, nas mobilizações teóricas e ataques literários, na escrita de manifestos e prefácios *interessantíssimos*, descambando vez por outra para modalidades sórdidas de combate, como os insultos racistas e homofóbicos além de desqualificações pessoais. A ala feminina, ausente das disputas nas arenas públicas e mesmo em cartas carregadas por silêncios, disfarçando o confronto direto, embora a competição entre ambas as afastasse. A divisão se cristaliza nas formas privilegiadas de produção: a ala masculina, prioritariamente na literatura, gênero central da vida intelectual brasileira naquele período; e a ala feminina, nas artes plásticas.

A estratégia adotada por Maurício Trindade de investigar o modernismo paulista por meio do Grupo dos Cinco, em viés relacional, atenta ao espaço de sociabilidade que os integrantes nutriam e às trocas intelectuais e afetivas que realizavam, valendo-se sobretudo da perspectiva analítica do sociólogo alemão Norbert Elias e da teoria dos campos de Pierre Bourdieu. Tais escolhas orientam a interpretação das correspondências de Mário de Andrade. Sobretudo, a noção de interdependência permite enquadrar a relação entre os integrantes do grupo como elemento heurístico da pesquisa.

O conceito de interdependência tal como proposto por Norbert Elias (1994) desafia a disjunção entre indivíduo e sociedade, sugerindo que os indivíduos não são exteriores à sociedade e tampouco a sociedade exterior aos indivíduos. O pressuposto da interdependência entre os agentes e as formas sociais permite, assim, apreender os processos complexos constitutivos de configurações históricas e sociais específicas, como as que o autor examina no livro.

A análise se apoia, também, na sociologia da cultura de Pierre Bourdieu, objetivando de modo relacional disposições sociais de cada integrante do grupo, envolvidos na concorrência por consagração e liderança, na qual os capitais herdados ou adquiridos são cacifes determinantes das estratégias de cada um. A todo momento no livro, os itinerários sociais dos agentes são reconstruídos a fim de explicitar o ponto de vista de cada um deles e delas, em meio às constrictões que pesam sobre o grupo.

A articulação dessas perspectivas sobre o mundo social possibilita a Maurício Trindade compreender o Grupo dos Cinco como um espaço de condensação da tensão social “em escala reduzida e dinâmica” (p. 202), enfocando os integrantes desse grupo a partir de suas propriedades sociais, reveladoras das diferenças que os posicionavam no interior da fração ilustrada da elite paulista como a ponta de lança do movimento modernista, apesar das divisões internas ao grupo:

O herdeiro capitalista, dominante e rico, sem profissão, mimado e gozador, agressivo e inquieto, que ambicionava o brilho social e artístico por meio de manifestos de impacto e que não se furtava ao confronto pândego e muitas vezes bruto, justamente quando desafiado em seu brio e pretensão de legitimidade intelectual e cultural [Oswald de Andrade]; a sinhá, também herdeira e rica, dotada de beleza e leveza (...), com um estilo de vida ostentatório (...), de ênfase competitiva e muito determinada a ser referência artística de vanguarda, adaptando-se, transformando-se e movendo seu capital para tal feito [Tarsila do Amaral]; a pintora desbravadora, ousada e incompreendida, marcada por condição de isolamento e singularidade devido à deficiência física, proveniente de família duplamente estrangeira sob tutela de um tio protetor que investia em sua carreira, e que se deteve, por fim, à procura de um caminho menos conflituoso na arte pictórica [Anita Malfatti]; o filho de imigrantes, sem trunfos iniciais de capital social, mas que foi sedimentando seu caminho na via da tradição formativa (...) e por mérito próprio, envolto num processo de falência financeira familiar e num constante esforço de superar os destratos dessa situação de origem [Menotti Del Picchia]; e o “primo pobre” inteligente, esforçado e autodidata, sem trunfos originários valorativos e “masculinos” e com situação social descendente (...), mas que se lança numa jornada contínua de amplo investimento de capital cultural, mobilizando relações e relacionamentos escolhidos a dedo, presenciais e epistolares, em busca de concretizar, pela diversidade das áreas em que se envolveu, uma posição epicêntrica, protagonista. (P. 202.)

PERIFERIA, CENTRO, EPICENTRO

O livro de Maurício Trindade traz uma contribuição importante aos estudos sobre a produção cultural brasileira que pretendem desvelar a especificidade do padrão “esquisito” de dependência cultural do qual o modernismo brasileiro é um capítulo (MICELI, 2012). O autor apresenta evidências de como os elementos de tensão entre as metrópoles culturais europeias e a nascente metrópole paulista impuseram marcas nas preocupações estéticas de cada integrante do grupo. As hesitações de Anita Malfatti em relação a sua própria obra de vanguarda e sua viagem a Paris para se colocar a par das novidades; a opção cubista de Tarsila do Amaral depois de viagem à Paris; as cartas de Oswald a Mário relatando os encontros com figurões da cena intelectual francesa. Nesse contexto, o “matavirgismo” de Mário de Andrade era empunhado como defesa face à francofilia dos colegas, sendo também nutrido por seu ressentimento diante das longas viagens de Anita, Tarsila e Oswald à Europa. Todos esses elementos ajudam a compreender as apostas a um só tempo estéticas e sociais que os modernistas brasileiros, na periferia do capitalismo, assumiam como vanguarda artística.

Evidências da posição periférica da cultura brasileira, matizada no sopeso comparativo entre as modernidades daqui e de lá que aparece de raspão nas cartas trocadas entre Mário de Andrade e Oswald de Andrade, são captadas analiticamente. Os sintagmas “modernidade ocidental” e “modernidade paulista”, mobilizados um tanto livremente por Oswald, são signos da tensão e da preocupação intelectual desses atores acerca da produção artística desigual e coetânea. Exprime essa relação de dependência o roteiro da autoidentificação do Grupo dos Cinco em referência aos compositores franceses, inspirados por Erik Satie e Jean Cocteau, conhecidos como o Grupo dos Seis. No passo hesitante das reflexões sobre a modernidade francesa e paulista, ganham concretude as relações de dominação que a Europa e a França impunham aos artistas brasileiros.

A partir dessas relações transnacionais, é possível também correlacionar as distâncias sociais entre os membros do grupo às distâncias geográficas percorridas por cada um. O cosmopolitismo de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral não pode ser dissociado da origem e das disposições sociais herdadas por ambos, constitutivas do estilo de vida que legitimava a pretensão pela supremacia cultural; assim como não se pode compreender as estratégias de Menotti Del Picchia sem levar em consideração sua posição de descendente de imigrantes em São Paulo, carente de capital social.

A condição de “primo pobre” de Mário de Andrade estaria na gênese de sua estratégia epistolar, elemento central para entendermos seu posicionamento no modernismo paulista e a pretensão de conquistar uma

liderança nacional (MICELI, 2012, p. 112). Como argumentado no primeiro capítulo, a estratégia envolvida em sua escrita carrega a expressão subjetiva de seu *habitus*, isto é, empreende um jogo de aproximação, de confissão, com interlocutores consagrados cujas chancelas demarcam as condições objetivas para sua própria consagração. Ao lado do imenso investimento em capital cultural e da expansão das instituições culturais da oligarquia, a correspondência desempenhou papel decisivo na construção da centralidade de Mário de Andrade na vida intelectual brasileira. Nesse sentido, mais do que líder, o poeta arlequinal seria o *epicentro* do modernismo paulista ao expressar os elos subjacentes às transformações sociais da vida intelectual brasileira da primeira metade do século XX.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ELIAS, Norbert. “Mudança na Balança Nós-Eu”. In: _____. *Sociedade dos Indivíduos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- MICELI, Sergio. *Vanguardas em retrocesso: ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.